

Escola Bíblica Semanal

Lição 7 - Evangelho de Mateus – Ministério em Jerusalém e sermão profético (21.1 a 25.46)

1 – Introdução à lição

Jesus inicia os eventos da semana da paixão com sua entrada pública e deliberada em Jerusalém, cumprindo as profecias messiânicas e dando-se a conhecer plenamente, tanto aos que o aguardam com corações esperançosos quanto aos seus inimigos. Em Jerusalém ele confronta abertamente seus opositores, realiza curas, ministra aos discípulos e à multidão e entrega seu quinto discurso, o sermão profético.

2 – Continuação da narrativa: ministério em Jerusalém

2.1 - A entrada triunfal (21.1-11)

Chegaram eles a Betfagé, um pequeno distrito de Jerusalém, fora de seus limites, especificamente no monte das Oliveiras. Dali Jesus enviou dois discípulos com uma ordem clara e específica de trazer um certo jumentinho e sua mãe. Se fossem questionados, Jesus já lhes dera a resposta a dar, garantindo o exato cumprimento de suas ordens e das profecias.

Novamente cumprindo uma profecia, Jesus entra em Jerusalém como Rei, montado no tal jumentinho e sendo aclamado pela multidão que o bendiz e glorifica. Os que o aclamavam fizeram um cortejo real desde a descida do monte das Oliveiras até a entrada em Jerusalém, aclamando-o como o Messias que viria.

Outros evangelhos citam apenas um jumento, mas Mateus dá o panorama mais completo e informa que a mãe do jumentinho também foi trazida junto, possivelmente para acalmar o animal e conduzi-lo com facilidade pelo caminho.

Toda a cidade ficou agitada e perguntava quem era aquele, mas a resposta dada estava incompleta, ele não era apenas o profeta, era o Messias. Louvores e honras foram dadas ao Rei, poucos dias antes da sua própria crucificação, para alegria geral da turba que agora ainda o aclamava.

2.2 – A purificação do templo (21.12-17)

Este evento não deve ser confundido com a purificação relatada em João 2.13-17, a qual se dá no início do ministério de Jesus, em uma visita anterior à Jerusalém. Esta purificação se dá no dia seguinte à entrada triunfal, conforme Mc 11.19.

O pátio dos gentios vinha sendo usado como área de câmbio, pois os animais para os sacrifícios deveriam ser perfeitos, e comprar um animal nos Bazares dos Filhos de Anás, como era chamado, era garantia de não ter seu sacrifício rejeitado pelo sacerdote. Tais bazares aparecem nos escritos rabínicos como coisa maldita, que oprimia o povo e que teve completa destruição pela indignação popular, três anos antes da queda de Jerusalém.

A maldade desse comércio consistia em rejeitar os animais trazidos para ofertar e então vender ao ofertante um animal tido como perfeito, previamente aceito pelos sacerdotes, e cobrar por

ele um preço acima do que seria justo.

Outra fonte de lucro eram os cambistas, os quais convertiam dinheiro grego ou romano em moeda do templo, para pagamento do imposto anual de meio siclo, que todo judeu adulto pagava. Era auferido um lucro de quinze por cento no câmbio, o que garantia uma renda anual absurda aos cambistas, considerando o tamanho da população masculina dos filhos de Israel.

Tudo isto era feito no Templo de Deus, a casa de oração de Israel. Jesus os expulsou do pátio dos gentios, a única área permitida para a adoração de alguém que não fosse judeu. Tamanho era o desprezo pelos desígnios de Deus que dentro de sua própria casa havia roubo, desonestidade, opressão e impedimento à adoração. O gesto de purificação resultou em indignação dos saduceus, que compunham a casta sacerdotal que se beneficiava diretamente daquele comércio maldito.

Curioso notar como ainda hoje muitas vezes o comércio compete com a pregação e a adoração, porque durante a ministração as bancas de livros e CDs muitas vezes permanecem abertas para atender o público. Na verdade deveriam ser abertas somente antes e depois das celebrações, porque vamos à casa de oração para primeiramente estar com Jesus, e em segundo lugar para usufruir algum outro eventual benefício, nunca o contrário.

Dentro do Templo haviam cegos e mancos, os quais aproximaram-se dele e foram curados. Enquanto isso, crianças louvaram ao Filho de Davi, para indignação dos mestres da lei que não cumpriam este papel que era prioritariamente deles, pois conheciam as Escrituras e deveriam ser os guardadores das coisas do Senhor.

Depois disso Jesus passou a noite em Betânia, fora de Jerusalém.

2.3 – A figueira seca (21.18-22)

Ao voltar para a cidade, Jesus, o proprietário de tudo o que há (Sl 24.1), usa uma figueira à beira do caminho para ilustrar uma situação imprópria para um discípulo: ter muitas folhas e parecer muito verde, mas na época de dar frutos não ter nada em si para oferecer ao Senhor. O resultado é secar até morrer.

Mais uma oportunidade é aproveitada por Jesus para ensinar sobre a fé e a oração, coisas tão importantes para nós, a igreja, e às vezes tão deixadas de lado e desvalorizadas.

2.4 – Controvérsias com os líderes judeus (21.23-27)

Os líderes judaicos tiveram toda uma noite para confabular e tomar uma posição sobre aquele homem que alterava a ordem que eles mesmos estabeleceram em Jerusalém e no Templo. Ao chegar ao Templo, enquanto ensinava, os chefes religiosos o questionam, pois eles não lhe deram autoridade para fazer o que fazia.

A isto Jesus propõe outra pergunta, a questão do batismo de João. Neste episódio observamos a hipocrisia e a falta de honestidade de tais líderes. Sua preocupação não residia em dar a resposta certa, a resposta segundo a vontade de Deus, mas sim em dar a resposta que melhor atendesse aos seus próprios objetivos. Por não conseguirem tirar proveito da situação, respondem que não sabem e então lhes é negada a resposta à própria pergunta.

Três parábolas foram propostas por Jesus para falar sobre aqueles acontecimentos e ministrar os ensinamentos celestiais.

2.5 – Parábola dos dois filhos (21.28-32)

O ensino sobre os dois filhos que não agiam segundo seus próprios propósitos iniciais. Uns eram hipócritas e faziam o mal anunciando retidão, outros eram arrependidos, fazendo o que era certo após viverem o mal.

2.6 – Parábola dos lavradores maus (21.33-46)

Em adição ao ensino dos dois filhos, Jesus propõe: “ouvi, ainda, outra parábola” e fala acerca dos lavradores que não apenas negam-se a pagar o que é devido ao seu Senhor como ainda maltratam e matam seus servos, até que matam seu próprio filho na esperança de tomar-lhe a herança.

Apressados em realizar julgamentos e condenar os outros, os líderes dão a própria sentença, anunciando eles mesmo a entrega do Reino aos gentios. É uma das poucas passagens em que Mateus usa a expressão Reino de Deus, em lugar de Reino dos céus.

Os líderes tentam um modo de prendê-lo, mas temem as multidões. Seus motivos para prisão não tem qualquer caráter de justiça, de evitar o mal ou de punir um transgressor, mas apenas o de silenciar alguém que fala contra eles.

2.7 – Parábola das bodas (22.1-14)

Novamente Jesus ensina através de uma parábola, dessa vez contando sobre um banquete de casamento oferecido a convidados indignos, pois uns desprezaram o convite, enquanto outros maltrataram e assassinaram os servos do rei que os convidava.

Tal rei não desiste do banquete, mas chama novos convidados, aqueles que eram antes desprezados, e chama a atenção que foram trazidos todos os que puderam ser encontrados, tanto gente boa quanto gente má.

Obviamente os judeus tradicionais eram os primeiros convidados, e os malditos de Israel e gentios eram os demais convidados.

O Senhor convida ao seu banquete tanto aqueles que tem um coração voltado para ele quanto aqueles que praticam o mal, e as igrejas vão sendo formadas tanto por pessoas que já buscavam um caminho de bondade e acham em Jesus a perfeição e a salvação, quanto por aqueles abertamente malvados, como assassinos, ladrões e adúlteros.

Era costume em festas de homens muito ricos o fornecimento de vestes adequadas àqueles que não as possuíam, mas todos deveriam buscar trajar-se adequadamente, fosse às próprias custas, fosse com traje emprestado, fosse com trajes fornecidos pela própria organização da festa. Não nos é ensinado o motivo que levou um homem a apresentar-se na festa sem a veste nupcial, mas o fato é que ele apresentou-se vestido de maneira inapropriada.

Um dos símbolos do Espírito Santo é a roupa, pois a palavra usada para revestimento espiritual em Lc 24.49 é a mesma para vestir-se com trajes. Em Ap 19.8 é dito expressamente que “o linho fino são as justiça dos santos”.

Todos são convidados e muitos atendem ao convite, isto é a salvação, é o ato de arrependimento e recebimento da justificação através da fé no ato expiatório de Jesus Cristo na cruz do calvário, mas ainda há uma outra cruz. Jesus já havia ensinado que cada um deveria negar-se a si mesmo e tomar a sua cruz seguindo-o. Há um caminho a ser trilhado, um caminho estreito, e as Escrituras dizem “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor; (Hebreus 12.14).

Não basta aceitar o convite e comparecer ao casamento, é necessário que estejamos com o traje apropriado, que é a vida em santificação, em abandono ao pecado, em revestimento do Espírito Santo, em justiça.

Muitos são chamados a viver no Reino, mas entre aqueles que atendem ao chamado, só serão escolhidos os que se trajarem apropriadamente.

2.8 – O tributo (22.1-22)

Novamente os fariseus juntam-se para tramar contra Jesus. Um dos orgulhos dos fariseus era sua oratória, e eles tentam usar isso para fazer Jesus se enredar em suas próprias

palavras, mas ignoram que estão diante do próprio Verbo de Deus.

Para não serem muito óbvios com sua própria presença, eles enviam os seus discípulos e os herodianos, que eram os judeus partidários de Herodes. Eles fazem um falso elogio, com o propósito de confundir Jesus, e jogam sua armadilha, pensando que colocaram Jesus entre a lealdade a Israel e a lealdade a Roma.

O Senhor não tem o menor problema em publicamente chamá-los de hipócritas e de expor sua maldade. De forma estranha às escrituras, alguns tem cobrado uma postura completamente passiva dos imitadores de Jesus quando confrontados por maldade e hipocrisia.

Jesus então pede uma moeda. Os líderes consideravam ofensiva a presença romana e a moeda corrente, a qual tinha uma inscrição alegando que Tibério César era filho do divino augusto, uma idolatria expressa. Os mesmos judeus que o querem acusar e prender numa teia de palavras apresentam a ele a moeda, retirada de suas próprias bolsas! Eles mesmos carregavam aquilo que condenavam, mostrando assim que o legalismo não passa de prática tola que não leva ninguém à salvação.

O Senhor explica que César deve receber a sua propriedade, ou seja, aquilo que tem a sua própria estampa e inscrição. Devemos aprender que precisamos ter a estampa de Jesus gravada em nós e precisamos ter suas palavras escritas no nosso coração, pois aí seremos de Deus, assim como a moeda era de César.

Somos moeda corrente do mundo ou do Senhor? Que imagem temos estampada em nós quando nos olham? Que inscrições são lidas quando nos observam? Devemos entender que somos a única bíblia que o mundo lê.

Não apenas devemos entregar nossos impostos ao governo humano, mas devemos nos entregar totalmente ao Senhor. Quem não paga este tributo celestial está rejeitando o governo de Cristo, assim como quem não paga impostos está rejeitando o governo humano.

2.9 – A questão da ressurreição (22.23-33)

Os saduceus, a classe sacerdotal de Israel, negavam-se a seguir qualquer escritura que não fosse a Torá, ou o pentateuco, os livros de Moisés. Por não conhecerem nem mesmo estas escrituras, negavam a ressurreição e viviam somente para esta vida.

Eles apresentam a Jesus um caso hipotético, absurdo, mas que mostraria o quão frágil era o argumento da ressurreição, expondo ao ridículo a crença na vida eterna. Isso pensavam eles.

A primeira coisa que Jesus responde é uma repreensão, porque aqueles homens não conhecem a escritura nem o poder de Deus. Jesus explica a natureza da ressurreição e ainda demonstra aos saduceus como mesmo na Torá há a explicação clara da ressurreição, e a multidão ficou admirada com seu ensino.

2.10 – Os fariseus: o maior mandamento e o Senhor de Davi (22.34-40)

Os saduceus, tradicionais opositores dos fariseus, estavam derrotados e novamente os fariseus aparecem para testar Jesus, perguntando sobre o maior dos mandamentos.

Jesus responde a esta questão com o mandamento do amor ao Senhor, e do segundo mandamento, o amor ao próximo. Nos dois mandamentos de amor é usado o verbo grego “agapao”, derivado do substantivo “ágape”, que significa muito mais do que afeto e emoção, os quais são expressos pelo termo grego “phileo”, não usado aqui.

“Ágape” e “agapao” não excluem o afeto, mas trata-se na verdade do afeto moral de uma vontade consciente e deliberada que ela contém, e não o impulso natural de um sentimento imediato. “Agapao” é o maior mandamento e o segundo mandamento, e sem “Ágape” (amor), nada somos (I Co 13.2).

Jesus agora coloca os fariseus em situação complicada, o que eles mesmos tencionavam fazer com Jesus. Ao perguntar sobre a relação de Davi com o seu Senhor, ele os emudece. Na

verdade Davi é ancestral do Messias segundo a natureza humana e ao mesmo tempo seu servo, pois o Messias é maior e anterior ao próprio Davi.

Depois desses embates ninguém mais se atrevia a questionar Jesus, pois ele havia derrotado fariseus, saduceus e herodianos diante das multidões reunidas no Templo.

2.11 – A hipocrisia (23.1-39)

Durante a expansão do reinado de Alexandre, o grande, a cultura grega expandiu-se pelo oriente e chegou a Israel o teatro, com suas encenações, seus atores e suas máscaras. A palavra hipócrita refere-se ao ator de teatro que usa uma máscara e encena algo que ele mesmo não é. Jesus usou essa palavra para expor publicamente a mentira e o estilo de vida enganoso dos líderes judeus.

Jesus falou tanto à multidão quanto aos discípulos. O ensino agora era público. Os escribas e fariseus tinham a autoridade das escrituras, as conheciam e as divulgavam, mas não viviam as escrituras, por isso deveriam ser ouvidos no ensino, mas rejeitados nas práticas.

Estes mestres da lei sobrecarregavam os outros com normas e preceitos, mas eles mesmos não os viviam, pois eram como advogados habilidosos a encontrar as brechas nos preceitos para poderem fazer o que bem queriam.

Sua aparente vida de fé era apenas para obter reconhecimento público. Usavam ornamentos e paramentos para se destacarem dos demais e sempre buscavam ser honrados e elevados acima dos outros.

Jesus não proibiu o simples uso das palavras “mestre”, “chefe” ou “pai” na igreja, mas os seus conceitos, a honraria a um homem como detentor das verdades de Deus. No ministério eclesiástico há aquele que ensina, também chamado ocasionalmente de mestre ou doutor, mas este jamais deve tentar ocupar uma posição semelhante àquela ocupada pelos fariseus e escribas, de alegado sabedor inquestionável das coisas de Deus, de portador de intimidade inigualável com o Senhor e de ser a própria expressão divina entre seus irmãos. Um só é nosso Mestre, Jesus.

O princípio da exaltação no Reino é o serviço cristão e a humilhação voluntária. Cabe somente a Deus o exaltar e engrandecer, a nós cabe servir em humildade e aguardar a manifestação de sua soberana vontade sobre nós.

Jesus pronuncia oito “ais” sobre aqueles líderes religiosos, não com amargura, mas com tristeza. Lastima o Senhor a sorte dos pecadores, mesmo quando forçado a condená-los.

Os fariseus não entravam no Reino por sua incredulidade e ensinavam o erro ao povo para que eles também não entrassem, devoravam os poucos recursos das viúvas disfarçando com longas orações em suas casas, faziam novos convertidos ao judaísmo para serem piores do que eram antes, juravam em vão pelas coisas do templo, davam o dízimo rigoroso mas não faziam a vontade de Deus, limpavam utensílios mas eram sujos em si mesmos, pareciam justos ao povo mas eram perversos e enchiam a medida de maldade de seus antepassados praticando atos piores do que aqueles praticaram.

A exortação é dura e tal qual João Batista fazia, Jesus os chama de serpentes e raça de víboras. É anunciado o envio de profetas, sábios e mestres, os quais seriam, foram e serão perseguidos como foram perseguidos os justos do antigo testamento.

É um anúncio profético sobre o envio dos servos de Jesus associado ao anúncio profético da queda de Jerusalém. Os judeus não viam mais ao Cristo e só o verão quando disserem “bendito é o que vem em nome do Senhor”, coisa que farão nos últimos tempos, durante a tribulação que se abaterá sobre toda a terra.

3 – Quinto discurso: o sermão profético do monte das Oliveiras (21.1 até 25.46)

O sermão profético dos capítulos 24 e 25 de Mateus contém uma quantidade enorme de material escatológico, muito mais do que pode ser explorado em uma lição de escola bíblica. Assim

sendo, neste estudo será tratada de uma visão panorâmica de tal sermão sem detalhar os pormenores nele contido. Este detalhamento é assunto para um seminário de escatologia bíblica.

3.1 – O sinal do fim dos tempos (24-1.35)

Ao saírem do templo, os discípulos estavam impressionados com a construção e comentavam com Jesus. Herodes, o grande, iniciou a reforma do Templo em 19 a.C. e pretendia fazer um templo mais suntuoso que o antigo Templo de Salomão. Durante a visita de Jesus a obra ainda não estava concluída e é possível que quando foi destruído no ano 70 a obra ainda não estivesse concluída conforme o projeto de Herodes.

Jesus profetizou a destruição do Templo de modo completo. Flávio Josefo, historiador judeu, foi testemunha ocular do cumprimento dessa profecia, ele diz que tudo foi tão completamente derrubado ao nível do solo que não sobrou qualquer coisa para que alguém que viesse àquele lugar pudesse acreditar que um dia já havia sido habitada. Das pedras arrancadas do Templo foi construída uma muralha cujas ruínas são hoje conhecidas como o Muro das Lamentações.

Os discípulos ficaram curiosos sobre o cumprimento das profecias e fazem algumas perguntas que demonstram que na compreensão deles todos aqueles eventos seriam simultâneos, pois criam que a destruição de Jerusalém, a vinda de Jesus e o fim dos tempos seriam em breve e ao mesmo tempo.

Jesus começa a responder com uma solene advertência: “cuidado que ninguém os engane”. Muito engano tem sido ensinado sobre o fim dos tempos e muitas heresias tem sido pregadas, muitos falsos profetas têm surgido e muitos têm se desviado do caminho atrás de ventos de doutrina.

Antes do fim há o início das dores, o qual a nossa geração já conhece, pois já vieram duas guerras mundiais e a guerra fria, com a constante ameaça de guerra nuclear pairando sobre aquelas décadas. Nações tem lutado entre si de forma global, nunca antes vista. Há fome na terra e terremotos sem precedentes que chegaram a deslocar ilhas dos seus lugares e até mesmo a mover o eixo da terra de sua posição, mas o fim não chegou. É apenas o início das dores, tal qual uma mulher que se aproxima da hora do parto.

A partir deste ponto Jesus começa a fazer uma transição para o quadro da tribulação, mas a transição não é abrupta, é gradual. Mesmo ocorrendo o arrebatamento da igreja, o quadro mundial segue seu curso.

Já temos notícias de grandes perseguições aos cristãos em diversas partes do mundo, mas os servos de Deus ainda não são odiados por todas as nações, ainda não. Esta profecia mostra claramente que o seu cumprimento ainda é vindouro, pois ainda temos liberdade para pregar o evangelho. Haverá escândalo, traições e mortes.

No tempo presente já há abundância de falsos profetas, mas ainda muitos mais virão. O amor de muitos já tem esfriado, mas esfriará muito mais. Todavia, aquele que perseverar até o fim será salvo.

Grandes esforços têm sido empreendidos para levar o evangelho a todos os cantos da terra, e seu pleno cumprimento acontecerá. Poucas são as etnias que ainda não receberam o evangelho. O tempo desse cumprimento está próximo, e então virá o fim.

Como tantas outras profecias, esta tem duplo cumprimento: a destruição de Jerusalém no ano 70 e o fim dos tempos.

Eusébio de Cesaréia conta que os cristãos em Jerusalém foram avisados por divina revelação acerca da destruição que viria e foram para Pella, uma cidade além do Jordão. Durante o cerco o Templo foi profanado pelos zelotes em um massacre de seus compatriotas. A abominável águia romana marchou sobre Jerusalém e a cidade foi arrasada.

A fuga teve que ser urgente, como será no fim. Ninguém deve voltar ao interior da casa para buscar nada, deve fugir do jeito que estiver. As grávidas e lactentes sofrerão muito ao realizar tal fuga apressada. No inverno o Jordão está cheio por causa das chuvas e as noites são muito frias.

Muitos judeus preferem morrer a guerrear ou fugir no sábado, e isto já aconteceu na história.

A promessa de tribulação sem igual é obviamente para o final dos tempos, pois por mais terrível que tenha sido a queda de Jerusalém, coisas piores acontecerão durante a grande tribulação. Tão terríveis serão aqueles dias que ninguém sobreviveria se não fossem abreviados.

O Messias não chamará seus discípulos a lugares ermos ou secretos, ele aparecerá como o relâmpago que corta os céus.

Após a terrível tribulação haverá escuridão, queda de corpos celestes e grande abalo, então no céu será visto o sinal do Filho do homem, o qual Jesus não especificou, mas todos o reconhecerão. Ele então surgirá nas nuvens do céu com poder e grande glória, e seus anjos reunirão os seus eleitos de todos os pontos da terra onde estiverem. Naqueles dias serão vistos servos do altíssimo voando pelos céus de todo o mundo carregado nos braços dos anjos.

Quando toda a esperança tiver perecido, quando a luz tiver acabado, quando a terra estiver queimada, os mares estiverem mortos, o ar estiver pesado, não houver mais comida, nem remédio, nem quem cuide de alguém, quando for mais fácil de achar uma peça de ouro que um ser humano vivo, neste momento terrível virá o socorro.

Alguns chorarão em seus corações: olho para os montes procurando o meu socorro, de onde virá o meu socorro? O meu socorro vem do Senhor! Ó minha alma, lembra-te do Senhor e não te esqueças de nem um só dos seus benefícios, ele é Deus que te perdoa as transgressões, ele é Deus que te sara as feridas e enche tua vida de bens. Aleluia! (Sl 121.1-2 e Sl 103.2-6)

Mal posso imaginar aquele corpo moribundo, aquela alma ferida, aquelas mãos cansadas e aqueles joelhos vacilantes, sendo carregados nos braços pelos anjos do altíssimo, nas densas trevas que cobrem a terra, rumo a Jerusalém. Oh, Jerusalém! Apegue-se a minha língua ao paladar se eu não te preferir ao meu maior prazer. Oh, Jerusalém! Tenho saudade de teus montes, de tuas portas e da casa do Senhor, Oh, Jerusalém! (Sl 137.5-6)

Crianças, mulheres, homens, velhos, feridos e doentes serão trazidos à presença do altíssimo, e serão depositados qual grande tesouro aos seus pés. Naquele dia as esperanças de gerações e gerações de homens e mulheres serão cumpridas.

Lágrimas serão enxugadas, chagas serão curadas e moribundos serão preservados e restaurados. Os poucos e raríssimos sobreviventes de toda a terra serão aprontados, curados e vestidos para a entrada no milênio. Que glorioso aparecimento!

A lição da figueira tem duplo sentido. Um sentido é que assim como vemos numa planta o anúncio das estações, vemos no cumprimento destas coisas o anúncio do fim. Outro sentido é que Israel é a figueira, pois várias vezes na Bíblia Israel foi comparado com a figueira. Jeremias teve a visão de dois cestos de figos, ambos representando os judeus. Jesus amaldiçoou uma figueira sem frutos, tal qual aquela geração de judeus. No ano 70 a figueira de Israel secou, destruída pelos romanos. Hoje a figueira ela já brotou seus ramos e folhas, mas ainda não deu frutos, porque os frutos são do Espírito, e essa hora ainda não chegou.

Se é assim, antes que morra o último nascido em 1967, o ano da tomada de Jerusalém por Israel, virá o fim. De qualquer modo, as palavras de Jesus não passarão, ainda que o mundo acabe.

3.2 – o desconhecimento do momento (24.36-51)

Qualquer tentativa de cálculo de data é contrária às Escrituras, pois Jesus disse que ninguém sabe nem saberia a data do acontecimento de sua vinda, mas os habitantes da terra estariam vivendo suas vidas sem se importar com estas questões, tal qual nos dias de Noé.

Jesus ensina sobre o arrebatamento, pois dois estarão juntos, mas um será levado e outro deixado. Companheiros de profissão e de ocupação serão separados, pois uns são salvos e outros não. Os não salvos serão deixados para trás para viverem a tribulação e terem ainda mais uma oportunidade de arrependimento.

Devemos vigiar por não sabermos quando virá o Senhor. Devemos ser o servo bom e

fiel que cuida da casa do seu Senhor e aos seus dá o alimento no tempo devido, ou seja, devemos guardar com cuidado as coisas do Senhor e dar a Palavra de Deus como alimento. Do contrário, se formos desleixados e abusarmos de nossos irmãos, maltratando-os e vivendo como incrédulos, seremos apanhados de surpresa e lamentaremos aquele dia maravilhoso e terrível.

3.3 – Parábola das dez virgens (25.1-13)

Muitas especulações tem sido feitas sobre esta parábola e vigorosas asneiras já foram pregadas a este respeito, chegando-se mesmo a dizer que não basta ser salvo e ter o Espírito Santo, porque o Espírito Santo “gasta” com o passar do tempo e ficaremos sem a salvação. Quanta asneira tem sido pregada por preguiça de estudar a Palavra de Deus! E isto logo após uma advertência solene para cuidar bem da casa do Senhor e dar o alimento ao tempo devido!

O sentido principal da parábola é simples e claro: vigilância!

Devemos estar preparados para a qualquer tempo nos encontrarmos com o Senhor. Se deixarmos para nos prepararmos quando ele chamar, será tarde demais. Quanto ao azeite como figura do Espírito Santo, também podemos entender que os cristãos tem a Palavra de Deus em suas mãos como lâmpada ungida pelo Espírito Santo, mas apenas aqueles que tem óleo na vasilha. A vasilha, o recipiente ou vaso, é figura para o próprio ser humano. Assim aprendemos que apenas aqueles que têm o Espírito Santo dentro de si, os salvos, serão levados com o noivo. Não basta conhecermos a bíblia ou carregá-la, precisamos ser salvos e nos tornarmos habitação do Espírito Santo.

3.4 – Parábola dos talentos (25.14-28)

Um talento era aproximadamente quarenta e dois quilogramas de metal, que poderia ser ouro ou prata. Cada um recebeu segundo a sua capacidade, e cada um fez com o que recebeu aquilo que lhe pareceu melhor. Alguns produziram mais ainda, outros enterraram e deixaram lá, sem nada produzir. Na vinda do Filho do Homem serão acertadas as contas, que sejamos achados com as mãos cheias de ofertas de obras de justiça para oferecer a Jesus.

É novamente aplicado aqui o conceito da economia: Na economia humana, um homem rico pode aplicar seus recursos e ficar mais rico ainda, mas um homem pobre pode perder tudo por uma pequena desventura no caminho. Aprendemos com isto que, não importa o nível em que nos encontramos espiritualmente, devemos trabalhar com aquilo que temos para ter mais ainda, e seguidamente para possuir ainda mais riquezas espirituais. Lembremos ainda que os fiéis sobre o pouco receberão muito.

3.5 – Julgamento das nações (25.31-46)

Muitas vezes este trecho das Escrituras tem sido pregado como o dia do juízo final para separar os salvos dos perdidos, mas isto não é correto, pois não seremos julgados com os incrédulos, seremos arrebatados desta terra (I Ts 4.15-17). Este evento é o julgamento das nações, dos sobreviventes da tribulação.

Este julgamento será baseado no tratamento aos irmãos de Jesus, ou seja, principalmente os judeus, mas também todos os demais que se voltarem ao altíssimo.

Cada um será julgado de acordo com seu comportamento, suas obras e o tratamento que dispensou aos demais. Devemos entender que no contexto da grande tribulação será simplesmente impossível que alguém produza tais obras sem fé em Jesus Cristo, portanto este ensinamento não é de salvação por obras, mas obras como fruto da salvação.

Para aqueles que estiverem na tribulação, ajudar um servo do altíssimo, especialmente se for um judeu, significará perseguição para si mesmo até mesmo a morte. Quem se arriscar a isso por amor a Jesus será recompensado, ainda que muitos nem se dêem conta do que estão fazendo. O

Senhor Jesus não desprezará estas ações, por menores que pareçam.

Jesus promete premiar aqueles que auxiliarem seus servos, ainda que seja com um simples copo de água fria. Isto era verdadeiro naquela época e o é em nossos dias, mas será especialmente lembrado durante a tribulação e será determinante no julgamento das nações que antecederá a entrada do Milênio de Paz.

De semelhante forma, os que abandonarem os pequeninos de Jesus abandonarão ao próprio Jesus. Assim como é hoje, será impossível ter uma fé genuína que não se demonstrem em ações de justiça. A fé sem obras é morta.

Encerramos aqui o estudo de hoje. Seguiremos na próxima lição, na qual concluiremos nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia Mateus 26.1 até o final do capítulo 28, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Cesaréia, Eusébio de. **História Eclesiástica.** 5ª Edição Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

LaHaye, Tim e Jenkins, Jerry B. **Estamos vivendo os últimos dias? - acontecimentos recentes profetizados na Bíblia... e o que eles significam.** Campinas: United Press, 2001.

Melo, Joel Leitão de. **Sombras, tipos e mistérios da Bíblia: descobrindo o significado das profecias bíblicas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
<http://www.geocities.com/malaquias316>